

O Ir. Gabriel nos escreve



Novembro 2022

Mês do Fundador 2022

Entre os anos de 2022-2023, a diocese de Belley-Ars celebra o Bicentenário de sua nova configuração, fazendo-a coincidir com os limites do Departamento de Ain. O jubileu, com suas muitas atividades, acontecerá de 3 de setembro de 2022 a 26 de junho de 2023. De 10 a 12 de outubro de 2022 acontecerá um Colóquio histórico sobre o Monsenhor Devie. Neste contexto, o Irmão Lino Da Campo dará uma conferência sobre a relação entre o Irmão Gabriel e Monsenhor Devie.



Já no ano passado lemos as cartas entre o Irmão Gabriel e o Monsenhor Devie. Este ano propomos a leitura de textos do Irmão Gabriel escritos em 1852, ano da morte de Monsenhor Devie. Neles poderemos descobrir suas experiências, sonhos, dificuldades, projetos, sucessos, fracassos...

Temas principais mencionados: Morte de Monsenhor Devie, reconhecimento legal, *Os Jesuítas de Belley*, serviço militar em Saboia, dificuldades acadêmicas, Trapa mitigada, Ars, Belleydoux, compra de Charignin, capela da Casa-Mãe, numerosos pedidos dos Irmãos, vida comunitária, retiro anual, amigos, vocações, falta de dinheiro.

Aconselhamos a organizar um ato específico para celebrar o mês do Fundador. Nele se pode usar os textos que propomos ou outros, motivação, orações, canto, novena ao Fundador.

Na Circular nº 8, de 3 de agosto de 1852, o Irmão Gabriel expressou sua opinião sobre aquele ano:

Chegamos, queridos Irmãos, no meio de um ano que parecia difícil para o clero, para as corporações religiosas e para as pessoas de bem. Pode-se dizer, no entanto, que foi um ano triunfante para a França e para aqueles que poderiam ser os mais ameaçados. Deus assim tem prazer em frustrar os projetos destrutivos da horda mentirosa e ímpia. Como sempre, Deus cuidou da França cristã de maneira especial e levantou um príncipe corajoso e enérgico para salvá-la e, pela voz de oito milhões de homens, confiou a Luís Napoleão as rédeas deste país, escolhendo-o para ser o regenerador. Peçamos, caros Irmãos, que o Senhor conceda ao Príncipe-Presidente as graças de que necessita para conduzir a França à prosperidade, defendê-la dos seus inimigos e, sobretudo, continuar a proteger a religião e fazê-la florescer entre os povos que o rodeiam e o têm como chefe.

Não vos parece, queridos Irmãos, (e temos o prazer de lembrá-lo), que o Arcebispo Chalandon tinha um espírito profético quando, no final de nosso retiro, disse que não devemos nos preocupar com o futuro ou ficar muito alarmados com o ano 1852?" Estou convencido, disse-nos, que este ano passará como os outros e será ainda melhor e mais favorável à religião." Esta previsão foi cumprida e por isso damos graças ao Altíssimo.

Podemos afirmar que nada de especial nos aconteceu em 1852 e que disseram que o nosso sangue tinha que ser derramado e que nos levariam ao matadouro, juntamente com o nosso santo Bispo e as melhores pessoas desta cidade. Graças a Deus, ainda estamos vivos; mas, se tivéssemos que morrer por nossa santa religião, queridos Irmãos, não hesitaríamos, com a graça de Deus, em aceitá-la generosamente e vocês devem estar na mesma disposição. No entanto, ousamos dizer que merecemos aquele favor que abriu as portas do céu para tantos mártires!

Neste ano ampliamos a nossa Casa Mãe. O agosto sinal da Redenção foi colocado no

portão de nossa casa, na presença de nossa Comunidade e de uma multidão de pessoas da cidade, que vieram atraídas pela cerimônia. O arcebispo Chalandon, abençoando a cruz, deixou-se levar pela inspiração e de seus lábios brotaram aquelas palavras eloquentes e abençoadas que sabem encontrar o caminho do coração e levar ao amor e à virtude. O zeloso prelado falou também da proteção divina sobre a França e sobre nossa Comunidade durante este ano.

1

Janeiro de 1852

16-01-1852- Ao Sr. João Batista Benito Légé, Rue Vaugirard 112. Paris.

Belley, 16 de janeiro de 1852.

Caro amigo,

Sua carta de 1º de janeiro me alegrou e ao mesmo tempo me edificou. Minhas grandes ocupações me impediram de lhe responder com brevidade.

Sinto muito por não poder corresponder ao seu desejo e é pela sua salvação que estou interessado, desde o momento em que você me contou sua vida com franqueza e segredo; tenha certeza de que vou mantê-lo para sempre.

Você cometeu erros, caro João Batista, e por causa deles foi expulso duas vezes de nossa casa. Para poder voltar novamente, há apenas uma palavra a seu favor, e você já sabe disso; tem sua importância, mas não é suficiente; os outros Superiores discordam. Há um, porém, que possivelmente concordaria com você: 1º se você promettesse corrigir as faltas de que é acusado; 2º se desse, na reentrada, os mil francos exigidos; 3º se não houve nada de errado com seu comportamento depois que saiu. Acredito, de fato, que somente nessas condições você pode esperar ser recebido.

O conselho que lhe dou, querido João Batista, é: 1º Siga os princípios da fé e os bons conselhos que lhe dei em particular; 2º Evite qualquer má companhia e ocasiões que possam levá-lo ao pecado; 3º frequentar os sacramentos e rezar muito; 4º organizar-se de alguma forma para encontrar um lugar mais conveniente do que o atual, onde possa facilitar sua salvação e não ser deixado à própria sorte, como esteve em Lyon e Genebra.

Lamentei profundamente que não tenha sido recebido entre os bons Irmãos Maristas; Não haveria nada melhor do que uma comunidade religiosa para você ser feliz, especialmente agora que você está tentando se estabilizar, que sua juventude já passou e que suas doenças não permitem que você se dedique ao trabalho tão duro quanto os que você tem para fazer hoje. Confie-se à Santíssima Virgem, pensando que ela é o conforto dos aflitos, o refúgio dos pecadores e a esperança daqueles que desejam sinceramente praticar a virtude.

Girard (Francisco Luis), arrependido de suas calúnias ferozes e negras e dominado pelo remorso, fez uma retratação solene diante de dignas testemunhas, na qual declarou que o panfleto, feito por um ministro protestante e impresso em Genebra, continha apenas mentira do começo ao fim. Esta retratação foi publicada pelos jornais. Infelizmente, este pobre jovem nunca irá reparar o mal que foi feito e que causou à Religião. No que nos diz respeito, deixamos de lado suas calúnias pelas quais poderíamos ter reivindicado justiça no tribunal. Eu o perdoo do fundo do meu coração e espero que Deus também seja indulgente com ele.

2

Fevereiro de 1852

01-02-1852- Ao Sr. Augry, Pároco de Guéreins (Ain).

Caro Sr. Pároco:

Como você é bom por cuidar de nossos interesses e das almas com tanta frequência! Agradeço infinitamente. Acredite em mim, muitas vezes também penso em você diante de Deus e rogo-lhe que lhe conceda dias longos e felizes; O senhor bem os merece, Sr. Pároco, porque tem a sabedoria de torná-los meritórios e capazes de honrar o Corpo Sacerdotal de que é digno. Rezarei também, e farei rezar por tudo o que vos possa interessar e para que o vosso jubileu contribua para a santificação dos vossos queridos fiéis, para os quais sois um verdadeiro tesouro. Eu gostaria que todos pudessem entender e apreciar o mérito!

Mandarei celebrar as cento e trinta e cinco missas que me pedes, que, somadas aos quarenta e cinco francos que deves, perfazem um total de cento e oitenta francos. Recolherei esse valor assim que tiver a oportunidade de fazê-lo.

Jamais deixarei de pensar na **trapa mitigada** que interessa a nós dois; esta ideia me persegue seriamente, porque estou convencido de que seria a porta do céu para muitas almas, e talvez também para a minha. Terei que descartar a ideia quando vir que não recebemos recursos materiais para esta obra de Deus, mas confio totalmente na Providência e acredito que, se estiver em seus planos, ela nos ajudará quando chegarmos a trabalhar. Compreendo, porém, que não devemos deixar de rezar e usar todos os meios que a Religião permite.

A idéia que ele sugere de consagrar a nova casa de Trapa Mitigada especialmente aos Sagrados Corações de Jesus e Maria e de determinar que os Padres e Irmãos que dela farão parte tenham como principal intenção em todas as suas orações e ações a conversão dos pecadores e de todos aqueles que estão fora da Igreja, é uma boa ideia; Acolho-o com profundo respeito: organizar as coisas desta forma despertaria o interesse de todos os bons cristãos e pecadores que sentem a necessidade de se converter e voltar a Deus. Quando a existência de uma casa religiosa para tal fim se tornou conhecida na França, eles pediam orações de todos os lugares e faziam oferendas para que rezassem. Eu mesmo ordenarei orações, Sr. Pároco, pelo sucesso desta obra da qual o senhor seria o fundador. Um de nossos Irmãos que é diácono e que vai pronunciar seus votos perpétuos em nossa Sociedade no dia da Purificação, receberá o sacramento da Ordem das mãos de Monsenhor, nosso venerável Bispo, no dia 6 de março; ele será o primeiro sacerdote de nossa Sociedade; Poderia ser muito útil iniciar o trabalho da trapa mitigada consagrado aos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Estou ansioso para poder nos encontrar para conversar mais amplamente sobre seu projeto; por ora falemos pouco aos homens e muito a Deus.

3

Fevereiro de 1852

18-02-1852- Ao Príncipe Presidente da República. Paris.

Senhor:

Os Irmãos da Sagrada Família o consideram o Salvador e regenerador da França e a esperança das Corporações religiosas; eles também foram os primeiros a oferecer seu apoio sincero

e respeitoso em dezembro passado. Hoje, o vosso Superior Geral veio a Paris com o propósito de apresentar-vos, ilustre Príncipe, as suas mais humildes e respeitadas homenagens e a certeza dos votos e orações da vossa Comunidade por tudo o que diz respeito à vossa felicidade e prosperidade da França, que a Providência vos confiou para liderar tão admiravelmente.

Permita-me, senhor, aproveitar esta circunstância para lhe dizer que fundei e dirijo, há cerca de trinta anos, a Sociedade dos Irmãos da Sagrada Família. A finalidade desta Congregação é ser útil à sociedade através de todo tipo de boas obras, mas sua finalidade principal é formar Irmãos que vão um a um ou em grupos para desempenhar as modestas funções de professor primário, catequista, cantor e sacristão... Solicitados em asilos e orfanatos, ali educam os pobres ou órfãos. Já obtiveram excelentes resultados no exercício das suas funções e conquistaram a confiança e estima das populações, que valorizam os seus serviços. Príncipe, o Governo encontrará nos Irmãos da Sagrada Família zelosos auxiliares para ajudar a moralizar a juventude; Esta consideração levou em 1841 o Sumo Pontífice Gregório XVI e Sua Majestade Carlos Alberto, Rei da Sardenha, a reconhecê-los legalmente em seus Estados.

Animado pelo desejo de consolidar esta Sociedade, e sabendo que é a Vós, Senhor, a quem a Providência reservou o direito de conceder **existência legal na França**, peço-vos humildemente que me concedais, quanto antes, este distinto favor, aprovando-a por decreto como instituição de utilidade pública. Gentilmente, Senhor, acolha favoravelmente meu respeitoso pedido; Com isso fará um grande favor ao ensino primário, à Religião e à Sociedade, e dará um poderoso estímulo a uma Associação que lhe será especialmente grata e na qual o seu nome, ilustre e amado Príncipe, será sempre abençoado.

Juntamente com o meu pedido, depusitei no Ministério da Instrução Pública os Estatutos dos Irmãos da Sagrada Família e as cartas de recomendação do Cardeal Arcebispo de Besançon e dos Bispos de Belley, Grenoble, Dijon, Autun e Gap, que valorizam todas as boas obras que os Irmãos da Sagrada Família fazem em suas respectivas dioceses.

Sou seu, com profundo respeito, Senhor e ilustre Príncipe, humilde e fiel servidor.

4

Fevereiro 1852

20-02-1852- A Mons. Devie, Bispo de Belley.



Monsenhor:

Não pude escrever a Vossa Excelência antes porque estou em Paris há poucos dias. Ao chegar visitei alguns de nossos estabelecimentos, entre outros o de Autun, onde o Sr. Fontenay, Diretor da Confraria de São Vicente de Paulo nesta cidade, me encarregou de remeter vinte francos a Sua Excelência como contribuição para a ereção da estátua de São Vicente de Paulo.

Finalmente obtive do Ministro dos Cultos os oito mil francos que havia pedido para nossa capela.

Quanto à **nossa autorização**, visitei o Ministro da Instrução Pública; Começou por me agradecer em nome do Governo pelos serviços prestados pela nossa Sociedade e assegura-me que cuidará diligentemente do nosso reconhecimento legal. Ele me pediu um relatório de nossa Sociedade, e isso eu lhe enviei nesta manhã. Espero voltar a ver este excelente Ministro amanhã ou depois de amanhã, e após isso pretendo

deixar Paris para continuar a minha visita aos nossos estabelecimentos.

Não pude ver o presidente, mas passei muito tempo com seu secretário, general Roguet, que me fez uma série de perguntas sobre nosso Instituto, tomou nota de minhas respostas e me disse que as comunicaria imediatamente ao príncipe Presidente. Ele me mostrou muita benevolência e me deu esperança de que o príncipe aceitaria meu pedido. Os Bispos que vi também me deram esta esperança: tudo parece estar no bom caminho, espero que Deus abençoe a minha diligência. Peço-o constantemente junto com o bom Irmão que me acompanha.

Lamento, Monsenhor, saber que Vossa Excelência não consegue encontrar um **confessor para a nossa Comunidade**. É este castigo de Deus ou o produto da malícia dos homens? Não sei, mas seja o que for, é uma verdadeira vergonha para a nossa Comunidade. Espero, Monsenhor, que sua bondade paterna ponha fim a esta situação. Estou longe de reclamar de Vossa Excelência, mas não posso dizer o mesmo de alguns clérigos de Belley. Se eu não encontrar confessores abnegados em Belley, obedientes ao seu santo bispo, serei obrigado a procurar um em outra diocese ou mudar nossa casa mãe para lá. Isso, monsenhor, seria escandaloso e me desagradaria muito. Acho que Pe. Morand ou Pe. Festas nos convém; Quanto ao resto, deixo a escolha a Vossa Excelência, mas peço-lhe que não deixe a nossa Comunidade sem um confessor permanente: as frequentes mudanças de confessor na nossa Casa são extremamente prejudiciais.

Penso, Monsenhor, que seria do seu agrado convocar o nosso clérigo para a próxima ordenação e peço-lhe de coração; quando ele for sacerdote, nos prestará serviços, pelo menos para os ofícios.

Aceite gentilmente, Monsenhor, o meu respeitoso e humilde reconhecimento, com o qual sou de Vossa Excelência, o filho humilde e obediente.

5

Fevereiro de 1852

20-02-1852- Ao Ministro da Instrução Pública. Paris.

Senhor Ministro:

Na audiência que tive a ilustre honra de realizar anteontem, e da qual tenho boas lembranças, o senhor teve a amabilidade de me dar a esperança de que o Governo cuidará diligentemente do reconhecimento legal da Sociedade dos Irmãos da Sagrada Família, como fez com a dos Frades Menores de Maria em 21 de junho passado. Há muito que solicitamos este favor por motivos louváveis, pois se trata de dotar o Governo de trabalhadores piedosos e zelosos para o ajudar na moralização da juventude, e parece também ajudar a vós, Senhor Ministro, como também ao atual digno Chefe de Estado, a quem a Providência reservou o mérito desta boa ação. Uma ação como esta só pode trazer sobre vós, ao Príncipe Presidente e ao nosso querido país as bênçãos do céu, e demonstrará cada vez mais os nobres sentimentos que animam o atual Governo.

Apresso-me, Sr. Ministro, a enviar-lhe o relatório que teve a gentileza de me solicitar sobre os dois artigos importantes para nossa Sociedade, sobre os quais tive a oportunidade de falar-lhe por alguns momentos.

No que diz respeito ao **nosso reconhecimento legal**, seria muito importante que o Governo nos concedesse imediatamente por duas razões principais: 1º. Neste momento, duas pessoas caridosas querem criar uma fundação a favor da nossa Sociedade, na condição de que se responsabilize pela Perpetuidade da educação gratuita para todas as crianças do sexo masculino em dois municípios do departamento de Ain. Uma dessas pessoas agora está doente e quer fazer a doação imediatamente; não sendo reconhecido, não podemos receber essa doação; portanto, essas fundações não seriam realizadas, o que seria lamentável para essas duas comunas; 2º. Se nossa Congregação não for reconhecida pelo Estado, teria mil inconveniências para fazer o bem que tem a fazer para o ensino, como tem feito até agora. Sem a ajuda e proteção do Governo vegetaria e não encontraria vocações para esta carreira de sacrifício e abnegação.

Os Irmãos da Sagrada Família passaram nos exames exigidos e gozam do apreço das populações. O Soberano Pontífice Gregório XVI e o Rei Carlos Alberto, reconhecendo seu zelo, os reconheceram em seus Estados. A vantagem que oferecem, ao contrário de outras Instituições, é que podem ir um a um e com poucos gastos aos Municípios rurais, onde os Irmãos de outras Obras não podem ir e onde os professores leigos casados não podem morar; por isso são geralmente preferidos, e são muitas as encomendas que nos chegam. Entende-se que para regenerar a sociedade hoje é importante dar aos jovens uma educação baseada na doutrina da religião, e que, Senhor Ministro, é a educação que nossos Irmãos dão, para grande satisfação dos municípios para onde estão destinados.

Os Estatutos de nossa Sociedade, várias petições de minha parte, cartas testemunhais a nosso favor do Cardeal Arcebispo de Besançon e dos Bispos de Belley, Autun, Dijon, Grenoble e Gap, estão depositados nos escritórios de seu Ministério. Tudo isso foi enviado tanto no mês de maio quanto no mês de dezembro passado. **(Esta carta tem continuação...)**.

6

Fevereiro de 1852

(Continuação da carta anterior)

Agora, Sr. Ministro, vou lhe dizer que um certo número de nossos Irmãos são da Saboia; abraçaram a vida religiosa do ensino por razões muito louváveis; Todos eles levam uma vida de costumes saudáveis, como o Sr. pode ver e eu mesmo posso garantir. **Entre eles, alguns possuem o diploma de aptidão para o ensino primário obtido na França, onde já prestaram grandes serviços exercendo a docência; outros obtiveram o diploma na Saboia quando foram chamados para ensinar lá. Nem um nem outro podem agora lecionar na França, como professores comunitários ou professores adjuntos de uma escola pública, se não adquirirem primeiro as cartas de naturalização.** De acordo com a lei, essas cartas não podem ser obtidas até que estejam domiciliados na França, com autorização do Chefe de Estado, e tenham residido por dez anos a partir da data desta autorização. Mesmo os estrangeiros que possuíssem um certificado nacional ou uma autorização concedida pelas autoridades de seu país não podiam lecionar nas escolas gratuitas sem antes obter a autorização do Ministro da Instrução Pública.

Essas dificuldades, Senhor Ministro, nos atrapalham muito, pois recebemos uma infinidade de pedidos de Irmãos de todas as partes da França, e não temos candidatos franceses suficientes para enviar para aquelas localizações. No entanto, desejam ardentemente confiar a instrução dos jovens aos Irmãos de nossa Sociedade; Seria desejável que o governo permitisse, de uma forma ou de outra, que nossos irmãos da Saboia pudessem ensinar livremente na França, como os franceses. Tendo abraçado a vida religiosa, testado em um longo noviciado, não ensinando por razões humanas e estando sob a supervisão de seus superiores religiosos, eles certamente oferecem mais garantias do que professores seculares estrangeiros.

Caso nossa Sociedade não seja autorizada, o que seria penoso para ela, peço-lhe como favor, Sr. Ministro, que use o direito concedido por lei de conceder aos nossos Irmãos nascidos em Saboia permissão para lecionar em escolas gratuitas, seja com o diploma nacional ou com o emitido pelas autoridades escolares do seu país. Mas, se, como espero, o atual Governo, a quem servimos com verdadeira dedicação, reconhecer o nosso Instituto, todos os inconvenientes mencionados desaparecerão por completo por um decreto particular e posterior à aprovação da nossa Congregação. Este decreto poderia ser escrito nos seguintes termos:

“Todo indivíduo sardo pertencente à Sociedade dos Irmãos da Sagrada Família pode exercer a função de professor primário público ou gratuito em toda a França, desde que: 1º. cumpra o disposto na lei do ensino primário; 2º. que apresente um certificado ou carta de obediência do Superior Geral da Sociedade dos Irmãos da Sagrada Família, atestando que é membro da referida Sociedade há pelo menos três anos, e que vive na França há pelo menos por esse mesmo tempo”.

"Os membros da Sardenha não poderão lecionar em escolas públicas se não tiverem o Certificado de Capacidade Nacional, mas poderão lecionar em escolas gratuitas com o certificado que obtiveram das autoridades escolares de seu país."

7

Março de 1852

18-03-1852- Ao Pe. Mermillod, Pároco de Belleydoux (Ain).

Caro Sr. Pároco:

A carta que você acabou de me escrever me deixou feliz em ouvi-lo e me dar informações sobre o aluno Poncet. Considero-o um jovem muito agradável, prometi-lhe que poderia vir ver-me de vez em quando.

Estou muito feliz que as aulas dos dois Irmãos de Belleydoux estejam indo bem. O Inspetor elogiou muito o Ir. João, de Ferney; Isso deu origem à ideia de querer ter esse Irmão lá. O pároco de Ferney e o vigário Buyat insistiram várias vezes para que eu os enviasse, mas recusei por medo de desagradá-lo. O Irmão João tem qualidades muito boas, mas infelizmente é muito teimoso e não sabe como conquistar o suficiente a estima e o carinho das pessoas com quem convive. Ele é como o caixeiro-viajante, e não é exatamente aos quarenta, como você diz, que podemos esperar uma melhora dele. Movê-lo de Belleydoux para outro local poderia ser feito mais facilmente. O irmão Damião é uma boa pessoa, mas também tem algumas doses de teimosia. Enquanto esses dois Irmãos estiverem juntos, não haverá concórdia entre eles; para que houvesse, seria necessário que tivessem a sabedoria de dar-se frequentemente uma boa dose de caridade e humildade, fruto da oração e da meditação ao pé do crucifixo; é o remédio que eles possivelmente negligenciam.

Também estou muito feliz porque eles estão propondo a construção de um prédio escolar em Belleydoux, mas, assim como você, vejo muitos inconvenientes se houver uma escola para ambos os sexos sob o mesmo teto; seria conveniente então fazer duas casas a uma certa distância uma da outra; isso também contribuiria para embelezar a cidade. As autoridades fariam bem em apoiar a construção das duas casas, e fazê-las o mais rápido possível, já que aquela em que os Irmãos vivem atualmente me parece incômoda. Se isso durasse muito, eu não poderia deixá-los lá.

Quanto à viagem a Belleydoux, há muito que queria fazê-la, mas acorrentado como estou pelos assuntos da minha Comunidade, não tenho muita esperança de poder fazê-lo agora, mas sim daqui a pouco. Nosso Irmão Inspetor irá visitar as escolas; Ele agora está viajando e se nada atrasar seu itinerário estará em sua paróquia durante a Semana Santa.

8

Março de 1852

29-03-1852- Ao Pe. Vianney, Pároco de Ars (Ain).

Venerável Sr. Pároco:

Comuniquei ao Monsenhor a carta que fizemos e que o senhor assinou na sexta-feira passada, quando tive a honra e o prazer de visitá-lo; Sua Excelência parece estar satisfeito. Eu lhe disse que você pensava ter dado dezessete mil francos para esta fundação, contando ali os mil e duzentos francos que o Sr. Desgarets deve. Monsenhor me disse que só recebeu no total, incluindo a quantia do Sr. Desgarets, a quantia de quinze mil francos.

Revisando minhas anotações, descobri que, no momento da instalação dos Irmãos em Ars, você realmente me deu a entender que doaria dezessete mil francos para a fundação, e eu contava com eles. Rogo-te com insistência, meu venerável Pai, que completes essa quantia e se cumpra a

promessa que o senhor mesmo teve a gentileza de renovar comigo na sexta-feira passada.



A propriedade que vamos comprar custa apenas dezessete mil francos. Ao fazer a escritura, hipotecaremos essa quantia sobre a propriedade que vamos adquirir e declaramos que os juros de seus dezessete mil francos serão usados anualmente e perpetuamente para sustentar a escola gratuita que você fundou em Ars para meninos. Penso que o município de Ars se comprometerá a providenciar o alojamento e os duzentos francos concedidos pelo Governo como até agora; caso contrário, você entenderá, querido Pai, que perderíamos no futuro. A questão da fundação da escola gratuita de Ars resolver-se-á da maneira mais conscienciosa e de acordo com Monsenhor; e isso eu posso garantir; mas seria necessário que você enviasse os dois mil francos mencionados acima o mais rápido possível, para que tudo possa ser pago em conjunto, sem ter que fazer duas escrituras e duas hipotecas. O Sr. de Labathie pode ajudá-lo agora, caso você não tenha dinheiro.

Os custos da escritura e da hipoteca podem somar, penso eu, cerca de mil francos; não seria justo que nossa Congregação os pagasse; ordinariamente estas despesas são suportadas pelo fundador; Por isso estou contando com você, e seriam três mil francos que você teria que nos dar. Parece-me que ele pode fazê-lo o mais rápido

possível e com facilidade, suspendendo por enquanto as outras fundações que havia planejado realizar, para outros tipos de boas obras. Acho que seria conveniente, acima de tudo, concluir a fundação da escola dos meninos de Ars: é uma obra de grande importância. Não quero, porém, impor condições; Tenho plena confiança em você, meu caro Pároco; mas ao pedir-lhe que complete esta fundação, é mais do interesse da escola de Ars do que do nosso.

Estou longe de criticar a fundação que foi feita para as meninas de Ars, mas custa consideravelmente mais do que a dos meninos, e duvido que a fundação para a educação das meninas seja tão bem-sucedida quanto a dos meninos; Eu lhe digo isso confidencialmente. A Providência, que você abriu antes da chegada das Irmãs e que foi dirigida por santas mulheres, foi chamada a produzir um grande bem; os resultados têm sido muito mais apreciados, mesmo perante a opinião pública; mas você fez tudo para a glória de Deus e Ele vai levar isso em conta.

Cuide de sua saúde, que é muito preciosa para nós e para milhares de pessoas que o consideram seu pai e que encontraram em você o caminho da salvação. Todos os dias eu e minha comunidade rezaremos para que o bom Deus o livre de todas as doenças; É meu maior desejo.

Aceite novamente a expressão de meus sentimentos de veneração e gratidão, com os quais sou, Sr. Pároco, seu humilde e sempre atencioso servo e filho.

9

Abril de 1852

04-04-1852- A Dom Billiet, Arcebispo de Chambéry.

Monsenhor: Apresso-me a enviar a Vossa Excelência a lista dos Irmãos da Sagrada Família que ensinam na diocese de Chambéry. Também lhe teria enviado o quadro geral dos nossos Irmãos

que ensinam na Saboia, mas como o Ministro só pede os da sua diocese, achei melhor responder apenas ao seu pedido. É possível que os Bispos de Annecy e Maurienne também me peçam uma lista dos Irmãos que temos em suas dioceses; Vou enviá-los para você.

Não sei por que razões o Ministro faz este pedido; pode ser que seja mesmo para verificar se todos aqueles que foram dispensados do serviço militar perseveraram; mas isso pode ser comprovado por meio da lista que envio ao Ministro da Guerra no final de cada ano. Ressalto-lhe, Monsenhor, que a soberana Resolução pela qual Sua Majestade Carlos Alberto nos concedeu a dispensa do serviço militar, não dizia que aqueles que obtiveram esse favor deveriam ensinar nos Estados da Sardenha; exigia apenas que o Irmão Superior Geral testemunhasse anualmente perante o Ministro da Guerra, nos primeiros dias de janeiro, se os jovens solicitados pelo Superior perseveraram no Instituto da Sagrada Família; Por isso colocamos indistintamente na França e na Saboia os Irmãos isentos do serviço militar. Não infringimos a Determinação Soberana nisso, nem agimos ilegalmente. Atualmente temos cerca de dez Irmãos isentos do serviço militar que ensinam na França; queremos também que ensinem em Saboia e, de acordo com o conselho de Vossa Excelência, farei com que estes dez Irmãos sejam retirados da França e enviados para Saboia. No entanto, a mudança neste momento nos causaria grandes despesas, bem como grandes inconveniências; só nas próximas férias a coisa pode ser feita com menos dificuldade, e acredito que o Governo vai conceder esse prazo, porque até agora agimos legalmente neste ponto. Sei que obrigou os Irmãos das Escolas Cristãs, isentos do serviço militar, a ensinar nos Estados da Sardenha. Ele fará o mesmo conosco? Não sei; mas se o fizer, teríamos alguns inconvenientes, tais como:

Não temos casa de noviciado nem asilos nos Estados da Sardenha para nossos Irmãos. As Cartas Testemunhais que nos reconhecem legalmente não nos obrigam a tê-las; eles apenas nos dão o direito de estabelecer, quando quisermos, uma Casa de Noviciado no Ducado de Saboia. Seremos, portanto, obrigados: 1º. a ter aqui, em nossa Casa Mãe, os noviços e os Irmãos todo o tempo necessário para formá-los nas virtudes e ciências necessárias para que se dediquem ao ensino; este tempo é mais ou menos longo, de acordo com as disposições dos sujeitos; 2º. acolher ali os Irmãos dispensados do serviço militar quando não estejam saudáveis ou tenham doenças que os impeçam de lecionar, pois neste caso, onde encontrarão um asilo adequado? 3º. entre esses Irmãos, às vezes você também pode encontrar aqueles que estão doentes no espírito; estes não poderiam ser demitidos, a menos que tenha sido por motivo de escândalo; seria necessário tê-los aqui tempo suficiente para fortalecê-los no bem. Não seria apropriado explicar esta última razão ao Governo.

Analisando as diferentes razões que acabo de lhe explicar, não creio que o Governo da Sardenha nos obrigue a ter uma casa de noviciado em Saboia; para abri-lo precisaríamos de fundos que não temos. Se não tivéssemos deixado o posto de Yenne, eu o teria feito passar, por necessidade e de acordo com Vossa Excelência, como estabelecimento misto, ou seja, teria funcionado como escola municipal e poderia ter, no máximo, um poucos noviços lá. Estando perto de nossa Casa Mãe de Belley, isso poderia ter sido resolvido facilmente aos poucos, sem grandes gastos para nossa Comunidade. Eu sempre sinto muito pela casa de Yenne; O padre Calloud não nos queria; fez partir os nossos Irmãos, mas os das Escolas Cristãs estão longe de fazer o que ele quer, pelo contrário, são eles que exigem que se faça o que querem; e, sobretudo, alguém me disse e me garantiu que o Sr. Calloud lamenta não ter ganho muito com a mudança.

A grande bondade, Monsenhor, que sempre demonstrou para com os nossos Irmãos, permite-me esperar que Vossa Excelência saiba sempre apoiar os nossos interesses nestas circunstâncias, quer perante o Governo, quer perante outros; Seremos permanente e profundamente gratos.

Queira aceitar as mais humildes e respeitadas homenagens com que sou, Monsenhor, de Vossa Excelência, o filho humilde e obediente.

Abril de 1852

10-04-1852- Ao Bispo Depéry, Bispo de Gap (Altos-Alpes).

Monsenhor:

Com prazer recebi a amável carta que Vossa Excelência me dirigiu e pela qual me sinto honrado. A lagarta que você me menciona e que acaba de ser eliminada é um acontecimento consolador para nós; era necessário que o Lorde Reitor de Gap usasse seus recursos para fazê-lo desaparecer; caso contrário, os nossos trabalhadores de Veynes acabariam desanimados, pois a ação desastrosa da lagarta teria impossibilitado a colheita de qualquer fruto do solo que Sua Excelência confiou aos trabalhadores da Sagrada Família. Louvado seja Deus! Esperamos, a partir de agora, que a colheita seja abundante, desde que nossos trabalhadores continuem a demonstrar o mesmo zelo, e que o granizo ou outras pragas não venham a frustrar nossas esperanças. **(Refere-se à expulsão de um Irmão).**

Digo-lhe, Monsenhor, que todos os dias recebemos novos pedidos que nos solicitam para enviar-lhes os nossos Irmãos. O respeitoso amor e a afeição particular e religiosa que professo por vós, juntamente com o reconhecimento que lhe devo todos os seus favores, sempre me obrigarão a procurar Irmãos para sua diocese. Mas não acredito que seja possível enviá-los um a um, não só pelas razões que Vossa Excelência indica em sua carta, mas também pelo inconveniente de colocar os Irmãos sozinhos: eles estão muito mais expostos à desordem, mesmo às vezes sem sair da casa paroquial onde estão alojados. Apesar disso, são poucos os que se envia sozinhos, a não ser que estejam muito próximos de outros estabelecimentos dos Irmãos.

Fiz a viagem a Paris em janeiro, mas o excelente Príncipe Presidente e o Ministro do Culto estavam tão ocupados na época que não puderam tratar da autorização de nossa Congregação; eles me deram a esperança de que o fariam assim que se livrassem de uma miríade de assuntos importantes que tinham, e acho que acabaremos recebendo esse favor, mas teria sido mais fácil obtê-lo enquanto nossos gentis e O digno Presidente tinha todo o poder. Durante a minha estadia em Paris obtive oito mil francos do Ministério dos Cultos por um terreno que tive de ceder para a construção da sacristia da catedral de Belley e por alguns danos externos sofridos no coro da nossa Capela.

Lembra-se, monsenhor, de uma bela propriedade que dizem ter pertencido ao Capítulo de Belley, e que está localizada em uma elevação a um quarto de hora desta cidade? É alcançado pelo antigo caminho de Yenne; Estou falando de Charignin, onde o bispo Devie costumava passear. Eu queria comprá-lo, mas eles me pediram vinte e cinco mil francos; Acabei de comprar por dezoito mil francos. A Providência veio em nosso auxílio para pagar por isso; Pretendo construir ali uma casa de retiros para nossos Irmãos e ao mesmo tempo uma casa de campo para nossa Casa Mãe. O vinho Charignin é excelente, não é pungente, é usado no Bispado de Belley há dezoito anos.

O Bispo de Belley e seu Auxiliar iniciaram a pregação do novo jubileu; todas as noites tem havido uma grande multidão na Catedral, mas apesar disso os homens de Belley parecem totalmente indiferentes a tudo o que diz respeito à salvação; preferem mais os bens e prazeres deste mundo. Infelizmente, o número daqueles que ganharão o jubileu será muito pequeno, pois nenhum homem é visto, por assim dizer, aproximando-se do tribunal da reconciliação. A burguesia está totalmente endurecida.

Abril de 1852

15-04-1852- Ao Irmão Atanasio Planche, Diretor de Ars (Ain).

Belley, 15 de abril de 1852.

Caro irmão Atanásio.

Sei aproximadamente o que está acontecendo em Ars e, sobretudo, o que aconteceu depois da minha última viagem; mas se eu não tivesse uma pessoa corajosa e confiável lá, eu não saberia de nada. Certifiquei-me de que você estava ciente disso, e estou muito surpreso que você não tenha me informado sobre a conduta do Pe. Raymond em relação a mim.

Eu não esperava, temia ter afligido o santo pároco de Ars e que ele também quisesse fazer o mesmo comigo; mas não vai dar certo, só vai piorar as coisas. Este tipo de conduta por parte de um sacerdote por quem tinha a maior estima e respeito mostra que não tem nem o espírito de caridade nem a humildade de que Pe. Vianney lhe dá todos os dias os mais belos e comoventes exemplos.

Raymond está desgostoso por causa do bilhete enviado a mim pelo pároco de Ars; mas a idade, o bom senso e a grande experiência do Pe. Vianney não mostram que ele precise de um tutor ou de um zelador para realizar seus trabalhos ou para se autogerir. Quando fui para Ars, não quis esconder nada do Pe. Raymond, eu mesmo quis que ele conhecesse a escrita, e se não o fez, foi porque o Pe. Vianney não quis. Eu tive que respeitar sua vontade.

Pe. Raymond está chateado, ele me diz, porque Pe. Vianney favoreceu o trabalho dos Irmãos e porque ele deu o dinheiro para vocês; mas isso não é da sua incumbência. Por que então ele está tão irado? Por que ele quer descarregar sua vingança maltratando o padre Vianney, como está fazendo, e escrevendo ao bispo contra mim? Ele quer lutar contra mim? Pois bem! Eu me defenderei; Não tenho medo do Pe. Raymond, porque trabalho procurando o bem e porque não dependo dele nem de ninguém, só de Deus e do Sumo Pontífice. Tudo o que fizer e escrever ao Bispo só provocará risos e servirá para o conhecer melhor.

Se eu não estiver mal informado, ele teria dito que um dos dois deve cair. Nem um nem outro cairão, espero; e não é cristão falar assim. E ele já escreveu para começar esse conflito; mas Monsenhor conhece bem o Irmão Gabriel e o Padre Raymond, e Monsenhor não quer destruir um para preservar o outro. Nós dois somos seus filhos. Ele sabe que o Pe. Raymond o procura por dinheiro, e também sabe que o irmão Gabriel consagrou sua vida e seus dias para fazer o bem sem outro interesse pessoal além de obter recompensas eternas; enquanto o Pe. Raymond manda o dinheiro só para ser notado, para pegar a sobrepeliz e ter um posto clerical, que não vai conseguir; e isso não é minha culpa. Trabalhei lá com todo o meu coração e, embora ele tenha me tratado tão indignamente, eu ainda gostaria de continuar trabalhando, mas seu comportamento me confunde totalmente e só me irrita.

O padre Raymond deseja que eu nunca ponha os pés em Ars; mas nem ele, nem monsenhor, nem ninguém me pode impedir de ir a essa cidade quando eu quiser. Não sou padre; portanto, o Bispo não pode me proibir; ele só pode me destituir do cargo de Superior; e se o fizesse, no fundo só me prestaria um grande favor. Bem, você sabe, querido irmão, que há vários anos eu queria deixá-lo, e o lugar que me conviria seria Ars ou Beaune, e quem sabe se eu não acabaria em um desses dois lugares. Mas o que tenho certeza é que se souber que Pe. Raymond faz a mínima coisa para me impedir de ir a Ars, irei para lá imediatamente até as férias com meu secretário; Exercerei minhas atividades como em Belley e receberei todos os dias a correspondência endereçada a mim durante a minha estadia. Se fosse receber alguém, não seria o Pe. Raymond, e se ele entrou com uma questão, ele o fez por conta própria: eu lhe asseguro. Não digo isso por despeito ou vingança, mas defenderei a mim e à minha comunidade toda vez que for injustamente atacada. **(Continua amanhã).**

Abril de 1852**(Continuação da carta anterior).**

O que torna o Pe. Raymond tão altivo e orgulhoso é que soube cativar os desejos do santo pároco de Ars, que lhe deu demasiada confiança e liberdade. Raymond se apropriou de toda a glória e méritos das boas obras que o Pároco de Ars faz: isso é indigno e não me importo.

Será verdade que ele se apoderou da última carta que escrevi ao pároco e que quer usá-la para colocar o monsenhor e as irmãs contra mim? Isso seria uma coisa muito inconveniente de se fazer; mas tomei a iniciativa e comuniquei ao Monsenhor aquela carta na qual há algumas expressões precipitadas referentes às Irmãs; mas não queria prejudicá-los de forma alguma diante do pároco. Não gostaria de fazer aos outros o que não gostaria que fizessem a mim. Você sabe muito bem quais são os sentimentos do padre para com as Irmãs: ele é um santo, ele quer o bem de todos, ele fez isso a todos e especialmente ao Pe. Raymond.

Raymond solicitou sua transferência; mas isso é, segundo suas próprias palavras, apenas para intimidar o pároco de Ars. Isso divertiu tanto o Bispado que eles hesitaram em se perguntar se deveriam ou não tomar as palavras de Pe. Raymond literalmente, porque se o fizessem, ele ficaria preso, especialmente se lhe fosse oferecido um cargo como o de Apremont.

De modo geral, Pe. Raymond é considerado um padre corajoso, mas sem critério e julgamento, sobretudo muito impulsivo e pretensioso. É isso que o faz perder o favor dos chefes e, sobretudo, do povo e dos peregrinos de Ars. De minha parte, considero o Pe. Raymond um bom padre e um excelente pregador. Ele seria o homem ideal, mas infelizmente está contra nós e, sobretudo, contra mim pessoalmente sem que eu lhe tenha dado uma razão para isso. Eu lutei por ele; Defendi-o em todas as ocasiões e até recentemente condenei aqueles que escreveram uma carta contra ele em Grenoble. Esta escrita será humilhante para o Pe. Raymond e afligirá muito o Monsenhor quando ele tomar conhecimento disso. Quanto ao pároco de Ars, a ele é mostrada a maior veneração; sua santidade é reconhecida e é claramente dito que ele está em má companhia.

Querido irmão! Talvez eu tenha ido um pouco longe demais falando sobre Pe. Raymond; Espero que tudo isso não diminua, de forma alguma, o respeito que você deve ter pelo seu caráter sacerdotal. Se te escrevi desta forma, foi apenas para lamentar que não me tenhas informado do estranho comportamento do Pe. Raymond, na esperança de agora certificar-lhe de que esteja informado. Eu também queria expressar-lhe o quanto devemos desconfiar de suas atitudes. Quis também comprometê-lo a consolar o bom e venerável Pastor nas aflições que Pe. Raymond lhe causa e que são aquelas que aumentam as suas dores e sofrimentos. Tremo todos os dias com o medo de que a morte em breve tire de nós nosso querido benfeitor, este homem celestial que faz tanto bem. Oh, que Deus o mantenha por muito tempo entre nós! Redobremos nossas orações com esta intenção: essas recomendações nunca serão suficientes.

Eu escrevi para você confidencialmente. Tenha cuidado para não vazar nada desta carta. Se o padre Raymond descobrir alguma coisa, isso não o fará se sentir bem conosco, mas, ao contrário, o deixará zangado. Se ele continuar a nos prejudicar, eu mesmo falarei com ele ou contarei a ele por meio de outra pessoa para que ele caia em si. Ele não tem tantos amigos quanto ele imagina, embora queira se afirmar, e você já sabe como e com quem. Todos veneram e estimam o pároco de Ars, e ele bem o merece.

Irmão Gabriel Taborin.

Maio de 1852

05-04-1852- Ao Sr. Fortoul, Ministro da Instrução Pública.

Sr. Ministro:

Tomo a respeitosa liberdade de pedir a gentileza de levar em consideração: 1º. que a Associação dos Irmãos da Sagrada Família, sediada em Belley, faz todo o bem que puder, com zelo e sacrifício; 2º. que sempre demonstrou total obediência ao Governo nas diversas solicitações, e ofereceu os seus serviços com respeitoso empenho em ajudar a moralizar a juventude, e como retribuição pede ardentemente que lhe seja dada existência legal, o que é absolutamente necessário; pois, caso contrário, vegetaria e não poderia realizar com eficiência todo o bem que é chamado a produzir na França em direção de escolas primárias, que é seu principal objetivo.

Atrevo-me a lembrá-lo, Sr. Ministro, que em fevereiro passado o senhor me deu a distinta honra de me conceder duas audiências, das quais sempre terei boas lembranças; Aproveitei essa linda oportunidade para implorar-lhe insistentemente que cuidasse do nosso reconhecimento legal. O Sr se dignou a me dar grandes esperanças. Isso não me surpreendeu, visto que o atual Governo é animado por boas intenções; mas deu-me a entender que naquela ocasião lhe faltava o tempo necessário para tratar imediatamente do assunto. Se o senhor estivesse mais livre agora, Sr. Ministro, reiteraria meu pedido. Por favor, veja-o e lance um olhar protetor sobre nossa Sociedade. Ela abençoará seu respeitado nome e multiplicará seus votos e orações pela preservação de sua saúde, por sua felicidade e pela preservação de nosso querido e digno Príncipe Presidente, a quem Deus se dignou tirar de seus tesouros mais preciosos para enriquecer a França: esta é a minha convicção.

Recordo-lhe também, Sr. Ministro, que em 28 de maio de 1851 depus nas dependências de seu Ministério os Estatutos de nossa Associação com uma petição. A outra, que também endeecei lá em 22 de dezembro do mesmo ano, algumas cartas testemunhais de seis Bispos que se juntaram a mim para explicar os serviços que nossos Irmãos são chamados a prestar e pedir-lhe ao mesmo tempo que reconheça legalmente sua Sociedade por toda a França. Atrevo-me a esperar que eles não se tornem indignos deste grande favor.

Invoco com santa confiança as bênçãos de Deus sobre vós, Sr. Ministro, sobre a França e seu digno Chefe, e sou seu, com o maior respeito, Sr. Ministro, seu humilde e atencioso servidor.

Junho de 1852

06-10-1852- Ao Sr. Antelmo Lavalette (ex-irmão Antelmo), Auxiliar de Verificação Fiscal, Rue Saint-Jean 14. Lyon (Rhône).

Belley, 10 de junho de 1852.

Querido amigo,

Há algo de agradável no nome do Pai pelo qual você ainda gosta de me chamar, posso lhe assegurar. Acredite em mim, também, que eu sempre vou considerá-lo como se você fosse meu filho querido; Isso significa que terei constantemente por você e pelos seus todo o interesse que um bom pai tem por seus filhos.

Meu caro Antelmo! Nunca amei e estimei tanto um jovem quanto você. Você não deixou de ser alguém estimado em meu coração, e isso não só por seu bom comportamento, mas também

por suas virtudes e excelentes qualidades que reconheço.

Perseverando em suas apreciadas qualidades, você será a felicidade de seus filhos e de sua digna esposa, de quem fala muito bem. Que Deus abençoe a todos e os faça felizes em seu casamento e em seus negócios! Este é o desejo diário que não deixarei de ter por você.

Agora vamos para a pergunta que você me faz. Só recebemos noviços em nossa Casa Mãe de Belley; não admitimos pensionistas, a não ser que sejam jovens que desejem consagrar-se ao estado religioso na nossa Sociedade. Assim, são recebidos como pensionistas até os 15 anos, quando iniciam o noviciado. Sem essa condição, não poderíamos admitir o jovem de quem você está falando.

Temos uma pensão em Ars, perto de Lyon. As crianças estão lá em todos os seus aspectos muito bem cuidadas e a pensão dificilmente custa 300 francos. Acho que seu amigo faria muito bem em colocar o filho lá. Nesse caso, eu o recomendaria aos nossos bons Irmãos de Ars.

Quando eu for a Lyon, ficarei muito feliz em visitá-lo, e se você vier por Belley, não esqueça que a casa da Sagrada Família é sua e que você sempre será recebido aqui com o maior prazer.

Embora não tenha ainda a honra de conhecer sua esposa, permita-me apresentar-lhe minhas cordiais saudações e receber mais uma vez a garantia de minha amizade e meus sentimentos mais atenciosos e afetuosos.

O Superior Geral da Sagrada Família,
(Irmão Gabriel Taborin).

15

Junho de 1852

16-06-1852- Ao Bispo Billiet, Arcebispo de Chambéry.

Monsenhor:

Como é importante para a nossa Sociedade ter um pregador para o nosso retiro anual capaz de comover as consciências e produzir frutos de salvação entre os nossos Irmãos, pensei que o Pároco de Montmélian poderia muito bem dar os exercícios espirituais este ano. Este padre sempre me inspirou grande confiança, e os Irmãos que trabalharam em sua paróquia falaram muito bem dele; no entanto, achei oportuno consultar primeiro Vossa Excelência, e se me aconselhar a dirigir-me ao Sr. Pajeau, escrever-lhe-ei imediatamente.

Não sei, Monsenhor, quando serão sorteados os quintos este ano em Saboia; Se Vossa Excelência tiver algum conhecimento disso, faria-me um grande favor informando-me, para que eu possa reivindicar a tempo alguns de nossos Irmãos que pertencem ao próximo sorteio. Espero que Deus não permita que o Governo da Sardenha nos tire o privilégio da isenção do serviço militar, caso contrário nos faria um grande mal.

Vendo o interesse que demonstra pela nossa Sociedade, creio, Monsenhor, que Vossa Excelência ficará satisfeito ao saber que adquirimos uma bela propriedade situada a apenas um quarto de légua de Belley. Aí temos terrenos, vinhas, um número significativo de árvores de frutas, água excelente e as construções necessárias. Esta propriedade pode acomodar cerca de vinte trabalhadores. Nossos Irmãos leigos irão cultivá-la, será de grande utilidade e grande contribuição para nossa Casa Mãe e servirá também de incentivo. Foi a Providência que veio em nosso auxílio para pagar por isso; o pároco de Ars contribuiu muito para isso.

Temo que em breve perderemos nosso Santo Bispo, sua cabeça está bem, mas ele está de cama há dez semanas por causa de uma secreção no estômago e inchaço das pernas. Temos poucas esperanças por sua recuperação.

Queira aceitar as mais humildes e respeitadas homenagens com que sou, Monsenhor, de Vossa Excelência, o filho humilde e obediente.

Julho de 185225-07-1852-Morte de Dom AR Devie

26-07-1852- A Dom Billiet, Arcebispo de Chambéry.

Monsenhor:

Dói-me anunciar a Vossa Excelência **a morte do nosso santo Bispo**, Monsenhor Devie. Foi ontem, às cinco da tarde, quando entregou sua alma a Deus; Conservou até o último momento a lucidez do espírito. Nossa Sociedade perde um amigo, um pai e um protetor, mas ousou esperar que tenhamos outro em Sua Excelência e em Dom Chalandon.

O funeral de Mons. Devie será no dia 4 do próximo mês; o senhor é, Monsenhor, um dos Bispos convidados a assisti-los. Como no bispado não haverá quartos suficientes para acomodar todos os Bispos e suas comitivas, ficaria feliz, Monsenhor, se nesta circunstância Vossa Excelência tivesse a amabilidade de aceitar, por si e por aqueles que o acompanharão, fique na nossa Casa Mãe. Eles me expressaram no Bispado o desejo de que eu colocasse alguns quartos à disposição dos Bispos convidados, e eu ficaria muito feliz se Vossa Excelência nos concedesse a honra de aí ficar. Você se encontrará em uma Comunidade na qual você tem direitos e filhos; afetivamente, Monsenhor, os Irmãos da Sagrada Família o consideram seu Superior e seu Pai.

Nossa casa une a catedral e o bispado. Caso Vossa Excelência aceite ficar aqui, peço-lhe que me informe, o mais rapidamente possível, bem como o número de pessoas que o acompanharão.

Queira aceitar as mais humildes e respeitosas saudações com que sou, Monsenhor, de Vossa Excelência, o filho humilde e obediente.

Agosto de 1852**08-08-1852- Circular n. 8**

Sendo como somos, queridos Irmãos, discípulos de um Deus pobre e sofredor, mortos para a salvação dos homens, e penetrados pelo pensamento de que o discípulo nada mais é do que seu mestre, se não estivéssemos dispostos a suportar sofrimentos e até perseguições de pessoas ingratas a quem até conseguimos fazer favores ou também de pessoas que, por sua condição, deveriam ser normais amigos e protetores em nossa vida de trabalho, abnegação e sacrifício? Mas se Deus nos levar ao Calvário, será para nosso bem maior; ele sabe tirar glória de tudo isso, para confusão dos ímpios. Convençamo-nos, queridos Irmãos, de que Deus também nos permite ter algumas consolações e estamos felizes em poder dar-lhes a conhecer nesta carta o que estamos vivendo agora para que vocês possam compartilhá-lo conosco. Isso nos levará a uma gratidão comum ao Deus de bondade, que mostra cada vez mais sua proteção à nossa Associação.

Vocês já sabem, queridos irmãos, que no ano passado tivemos uma grande decepção por causa de um infame escrito de um pastor protestante. Esta calúnia, fruto da impiedade e da calúnia, foi dirigida contra nós e contra a nossa Comunidade e atacou da forma mais crua a pureza da nossa santíssima e bendita Mãe, ao mesmo tempo que a presença eucarística do seu divino Filho. O infeliz que foi, em parte, o autor desta escrita caluniosa, movido espontaneamente por um dever

de justiça e por um remorso que não o deixou em paz, escreveu-me a seguinte carta como prova de seu arrependimento. Ele então fez uma retratação solene, diante de testemunhas credíveis. Oferecemos esse escrito na íntegra, conforme publicado pelos jornais e de acordo com o original em nossa posse.

"O abaixo assinado, Francisco Luis Girard, nascido em Périers e residente em Grandville (Manche) desde 29 de setembro passado, tendo sido noviço no Instituto dos Irmãos da Sagrada Família, fundado em Belley (Ain), lamentando as desastrosas consequências ao fazê-lo, decidi fazer e faço as seguintes declarações:

1º. Protesto energeticamente contra os atos injuriosos de que foi objeto o Irmão Gabriel, Superior do Instituto, os membros que o compõem e os usos e práticas da referida comunidade, atos que me são atribuídos em um panfleto, em 8º, tirado na imprensa de Carlos Cruz, Place du Grand-Mézel, em Genebra, intitulada "**Les jésuites de Belley en 1850-51**" (Os Jesuítas de Belley em 1850-51)

2º. Com toda a honestidade, declaro que, infelizmente, coloquei minha assinatura no manuscrito, bem como no documento de autorização para publicá-lo, sem tê-lo lido previamente, pois, tendo sido vítima de manipulação execrável, estava completamente bêbado. Só agora, lendo este texto pela primeira vez, fico horrorizado ao ver que tipo de personagem fui obrigado a interpretar.

3º. Declaro ainda que entrei nesta Congregação sem ter sido obrigado a fazê-lo, nem física nem moralmente, e sem que ninguém me viesse; que não tenho nenhuma queixa sobre a maneira como o Superior e os membros da referida Comunidade me trataram; que nunca tive dúvidas contra a fé católica, enquanto permaneci neste convento e que ninguém lançou contra mim qualquer tipo de excomunhão.

O que fiz em Genebra será objeto de retratação, se o Senhor me conceder sua graça.

NB O Instituto acima mencionado não tem qualquer filiação com os Jesuítas; os únicos laços que lhes são comuns são os laços do catolicismo e os da profissão religiosa.

Feito e assinado em Grandville, em 16 de dezembro de 1851, na presença das seguintes ilustres testemunhas:

Sr. Antonio Bonifácio, Prefeito de Grandville, Cavaleiro da Legião de Honra e São Luís.

Sr. Mauricio Hué, advogado, membro da Câmara Municipal desta cidade, Cavaleiro da Legião de Honra.

Reverendo Jean B. Maria Maudouit, Cônego Honorário de Coutances, Pároco Sênior de Grandville, Cavaleiro da Legião de Honra.

Reverendo Luis Victor Lecaplin, vigário de Grandville.

F. GIRARD

Visto para legalização de assinaturas. Grandville, 17 de dezembro de 1851.

L. CROCHIN, adjunto.

18

Agosto de 1852

22-08-1852- Ao Sr. Vicente De Lormay, Presidente do Conselho Geral do Departamento de Ain.

Senhor Presidente:

A Associação religiosa e caritativa chamada Irmãos da Sagrada Família de Belley (Ain),

desejando ardentemente o seu reconhecimento legal, acredita no dever de dirigir-se com grande confiança ao Conselho Geral deste Departamento para suplicar-lhe com insistência que queira, na sua sessão de 1852, dar curso favorável aos Irmãos da Sagrada Família, manifestando o desejo de verem a sua Associação autorizada pelo Estado como "**Estabelecimento de utilidade pública para a Instrução Primária**". Os Irmãos da Sagrada Família pedem com confiança ao Conselho Geral este favor para os serviços que prestam e para aqueles que são chamados a prestar, consequentemente, entre os pobres e as classes trabalhadoras; apoiam os propósitos do Governo, que sempre encontrará neles assistentes zelosos e abnegados para ajudar a moralizar a juventude das cidades e do campo.

Estas são, Senhor Presidente, algumas das razões que podem ser consideradas a favor dos Irmãos da Sagrada Família, e assim obter do Conselho Geral a aprovação favorável que me permito solicitar, contando com sua poderosa e bondosa intercessão.

A Associação dos Irmãos da Sagrada Família tem como finalidade todo tipo de boas obras, mas sua finalidade principal é a educação primária. Os Irmãos distribuem-se nas localidades a baixíssimo custo, sozinhos ou em grupos, conforme as necessidades, nos lugares onde são chamados, e exercem, de acordo com as leis, as modestas funções de professores, cantores e sacristãos. Chamados para os asilos, oficinas e prisões fundadas para utilidade pública, seja pelos departamentos ou por associações de caridade, os Irmãos da Sagrada Família dão uma orientação sábia e paternal às crianças pobres, órfãs ou abandonadas.

Faz mais de trinta anos que fundei esta Associação neste departamento com a ajuda e sob a proteção do Bispo de Belley, Dom Devie, de gloriosa memória. Há mais de trinta anos sua sede está definitivamente fixada em Belley, onde tem um estabelecimento em um dos lugares mais saudáveis e agradáveis; já pode abrigar mais de duzentas pessoas e, quando estiver concluído, poderá albergar cerca de quinhentas, o que representa um bem material para esta cidade.

A Associação dos Irmãos da Sagrada Família passou por suas provas; é um corpo constituído. A Providência achou por bem abençoá-la e fazê-la prosperar. O Sumo Pontífice, considerando-a de interesse para o seu fim, a aprovou para todo o cristianismo, na qualidade de Cabeça da Igreja universal. Carlos Alberto, Rei da Sardenha, também autorizou o Instituto legalmente em seus Estados por cartas testemunhais de 31 de maio de 1842. Este Soberano também concedeu isenção do serviço militar a todos os jovens de seus Estados que fazem parte da referida Associação.

Tal é a compreensão que as pessoas têm hoje, Senhor Presidente, de todo o bem que os professores piedosos e exemplares podem fazer, que me chegam inúmeros pedidos de várias partes da França para ter nossos Irmãos. Estes estão muito dispersos na Saboia, porque são reconhecidos pelo Governo, e se usufríssem deste privilégio na França espalhar-se-iam por lá mais rapidamente, respondendo assim aos desejos dos pais e mães de família e das autoridades que os desejam.

Além de sua Casa Mãe, eles têm no departamento de Ain nove estabelecimentos para escolas; também os têm para o mesmo fim nos departamentos de Isère, Hautes-Alpes, Saône-et-Loire, Côte d'Or e Doubs; dirigem nas cidades de Vienne, Beaune e Autun asilos para crianças pobres, a quem ensinam vários ofícios e também dão aulas de agricultura e horticultura; afastam-nos do vício na medida de suas possibilidades e os conduzem pelo caminho da virtude para torná-los bons cristãos e cidadãos abnegados pela pátria.

Os Irmãos da Sagrada Família estão atualmente realizando procedimentos com o Governo para obter o reconhecimento legal. Reconhecem que o Governo sempre os encarou com benevolência. No início deste ano, o Ministro da Instrução Pública teve a amabilidade de me expressar, em nome do Estado, seu apreço pelos serviços que nossos Irmãos prestam na França, e me deu a esperança de que nossos desejos seriam atendidos. Mas é importante, Senhor Presidente, que nossa humilde e insistente súplica seja apoiada, sobretudo, pelas Autoridades e pelo Conselho Geral do departamento onde está localizada nossa Casa Mãe.

Desejando testemunhar o profundo interesse que têm pelos Irmãos da Sagrada Família e fazer justiça ao seu sacrifício e zelo e ao bem que fazem, Suas Excelências os Bispos de Belley,

Grenoble, Gap, Autun, Dijon e também o Cardeal. No início deste ano o Arcebispo de Besançon dirigiu um pedido urgente ao Ministro da Instrução Pública para obter o reconhecimento legal de nossos Irmãos em toda a França. Atrevo-me a esperar, Senhor Presidente, que o Conselho Geral do Departamento de Ain não seja menos benevolente e dê seu voto favorável a esse respeito. Nossos Irmãos ficarão profundamente gratos a você; isso será para eles um motivo de incentivo e um serviço oferecido ao país.

De acordo com a lei de 15 de março de 1850, esta autorização é uma necessidade urgente, seja para a tranquilidade dos Irmãos da Sagrada Família, assegurando seu futuro assegurando o do Instituto no qual consagraram sua vida, seja oferecer alguma garantia de estabilidade aos municípios que os solicitam e que fazem grandes sacrifícios para fundar as casas que lhes são incumbidas de dirigir. Todos os Irmãos da Sagrada Família querem este reconhecimento legal e assim poder dedicar-se em paz, sob a proteção da lei, à educação das crianças no campo da educação primária.

Sou, com o mais profundo respeito, Sr. Presidente, seu humilde e sempre atencioso servidor.

19

Agosto de 1852

31-08-1852- Ao Pe. Buyat, Vigário Geral de Belley, Paris.

Sr. Vigário Geral:

Já que a Providência nos favoreceu ao permitir que você se tornasse nosso **Pai e nosso Protetor**, venho, portanto, pedir-lhe, Rev. Padre, que enquanto estiver em Bourg, apoie com sua influência perante o Conselho Geral o pedido que lhe dirigi, para que tenha um resultado favorável para nossa Sociedade.

Se não fosse muito problema, eu também lhe imploraria, Rev. Padre, antes de voltar de Bourg, exerça sua influência perante o prefeito e o reitor para obter de cada um deles, no que lhes diz respeito, alguns assuntos que interessam à nossa Congregação. Seria o seguinte:

Cumpridas todas as formalidades relativas à venda que fiz ao Governo para isolar a catedral dos nossos edifícios, e estando prestes a recolher os oito mil francos de indenização que me eram devidas, escrevi duas vezes ao Sr. enviar-me imediatamente esta quantia, pois preciso dela com urgência para cobrir os custos da construção da minha capela. Como o Sr. Prefeito não me respondeu, solícito insistentemente, Rvdo. Pai, pedir-lhe que atenda imediatamente à minha justa reivindicação.

Você sabe, Rev. Padre, quantos são os meus inconvenientes e quantas são as dificuldades devido à falta de Irmãos franceses qualificados, não só para responder aos muitos pedidos que nos chegam de todos os lugares, mas também para apoiar alguns estabelecimentos que abrimos. Temos um certo número de jovens no Noviciado; alguns postulantes também estão sendo preparados; tudo isso me dá esperança de um futuro melhor, mas leva tempo para formá-los.

(...)

Os Srs. Magnin e Girard vieram jantar em nossa casa ontem. O último me disse que Monsenhor se declarou claramente, no retiro, nosso protetor, recomendando aos padres que estavam lá, que se interessassem por nossa Sociedade e nos fornecessem assuntos. Esta ação, por parte do nosso novo e amado Bispo, não me surpreendeu, mas me comoveu profundamente; isso estimula cada vez mais nossa gratidão viva e respeitosa. Que Deus vos guarde! Fazemos todos os tipos de desejos para ele e para você, Rev. Pai, para que ambos possam ser tão felizes quanto merecem. Rogo-lhe que apresente as minhas mais humildes e respeitosas saudações a Vossa Excelência.

Nossa capela não estará pronta para o retiro; isso me incomoda bastante. Aguardamos seu

retorno para nossos exames juniores. O pároco de Ars me ligou na semana passada; organizou a fundação da escola de sua paróquia de maneira satisfatória para nossa Comunidade, e estou tranquilo quanto a isso. Falarei sobre isso, assim como com o Monsenhor, quando tiver a oportunidade de vê-los. De resto, não há nada de novo aqui ou na cidade ou na Comunidade que mereça sua atenção.

Com profundo respeito e o maior reconhecimento, sou seu humilde e atencioso servo.

20

Setembro de 1852

01-09-1852- A M. Pajeau, Arcipreste, Pároco de Montmélian (Saboia).

Sr. Arcipreste:

Sua promessa de vir e pregar para nós no próximo retiro me deu grande alegria; Conto com você, Sr. Arcipreste, para este importante serviço, e espero que produza os frutos da salvação que Deus espera de nós, se tivermos a sabedoria de receber em nossos corações bem preparados a santa palavra que saia da sua boca.

Como anunciei em minha circular, que você deve ter recebido, os exercícios do nosso retiro começarão no domingo, 19 de setembro, às cinco e meia da tarde, e terminarão no domingo seguinte. Acredito que você chegará no sábado à tarde, de diligência, de Chambéry a Belley.

Nossos Irmãos precisam muito ser estimulados a praticar as virtudes da nossa santa profissão e, embora eu acredite que todos tenham uma fé bastante viva, há feridas em quase todos; mas você vai curá-los, Sr. Arcipreste, com o remédio de suas santas instruções.

Nunca tive a honra e a sorte de vê-lo em Belley, mas esta circunstância me proporcionará isso. Enquanto isso, aceite a expressão de sentimentos respeitosos com os quais tenho a honra de ser, Sr. Arcipreste, seu humilde e atencioso servidor.

21

Setembro de 1852

13-09-1852- Ao Sr. Gourmand, Pároco de Neuville-les-Dames (Ain).

Sr. Pároco:

Sua amável e atenciosa carta de 29 de agosto me causou grande alegria, pois pensei que não poderia mais contá-lo entre o número de meus amigos e interessados em nossa Sociedade. Algumas indicações indesejáveis pareciam confirmar meus temores a esse respeito; no entanto, examinando minha consciência ao pé da cruz e à beira do túmulo onde, graças a Deus, meus princípios religiosos muitas vezes me levam, tranquilizei-me lembrando que não lhe fiz nenhum mal, e que, pelo contrário, desde que tive a alegria de conhecê-lo, tenho-o amado e respeitado sinceramente. Sempre lhe desejei o bem, elogiei-o porque o merece e defendi-o em certas circunstâncias, não só nos doces e memoráveis anos que passamos juntos, mas também depois de ter sido nomeado Pastor. De resto, minha carta de 30 de agosto de 1851 é testemunho inequívoco de meus sentimentos de estima por você, Sr. Parroco, e de minha adesão religiosa que guardo para você.

Aqui está a palavra do mistério, permita-o a um pobre religioso como eu, cuja suscetibilidade é um pouco ferida e que é ofuscada pela insignificância. O arcebispo Devie, cujo nome sempre será abençoado entre nós e querido ao meu coração, fez algumas revelações confidenciais para mim no ano passado que me fizeram entender que você estava nos virando as

costas. No entanto, isso não me fez pensar que você fazia parte do número de jovens padres maliciosos sobre os quais tenho justa causa para reclamar. Por outro lado, sua curta visita ao Noviciado da última vez me mortificou, confesso com franqueza.

A sua carta, meu caro Sr. Pároco, resolveu tudo, e eu lhe agradeço, porque me incomodaria muito se algo viesse a contradizer a bela página que você deve ocupar na história de nosso Instituto. Se Deus me conceder a graça de relatar esta história a nossos irmãos, farei isso para mostrar a eles, assim como a nossos inimigos, que nossa Sociedade traz o selo da aprovação e proteção divinas.

Por falar em inimigos, e não sei se há alguma presunção da minha parte, mas os meus e os do meu trabalho terão sempre uma desvantagem; Muitas vezes vejo evidências surpreendentes. Tudo isso só me anima, me mostra a ajuda de Deus e aumenta minha gratidão para com Ele.

Desejo passar um bom dia a sós com você para abrir-lhe meu coração, e gostaria que fosse em Neuville. Mas quando terei tempo para isso? O trabalho está sempre aumentando e, prova disso, é que vou ficar sobrecarregado durante essas três semanas. Por favor, recomende-me às suas orações piedosas pela contínua assistência de Deus no trabalho e pelo sucesso de nosso retiro. Falando de um retiro, espero muito que você venha pregar um para nós; todos os nossos Irmãos o veriam com grande prazer.

Aceite gentilmente a expressão dos sentimentos que lhe confessei; eles são os mais respeitosos e sinceros, e sempre me considero, meu caro Sr. Parroco, seu amigo prestativo e sincero.

22

Setembro de 1852

15-09-1852- Ao Pe. Roland, Diretor e Capelão do Seminário Maior de Lons-le-Saunier (Jura).

Querido e reverenciado Padre:

Estou feliz por receber suas apreciadas notícias. Muitas vezes penso em você, e sua carta me deixou feliz. Eu estava ausente quando o padre trazendo este presente veio aqui.

Seria impossível para mim enviar Irmãos ao Pároco de Villevieux, pois todos os dias recebemos uma infinidade de pedidos, que ainda estamos longe de poder satisfazer por falta de súditos. É verdade que os Saboianos nem sempre concordam em nosso país; Gostaria muito que você e seus colegas pudessem nos enviar bons jovens franceses! A colheita é realmente abundante e nos faltam trabalhadores.

Vou lhe dizer sem vaidade, meu Rev. Pai, que nossa pequena Sociedade prospere; Deus tem o prazer de baixar seu olhar protetor sobre ela. Oh! Eu gostaria que pudéssemos retribuir sua bondade divina com uma vida santa. Minha pequena circular, que tive a honra de lhe enviar, dará alguns detalhes interessantes sobre este trabalho que você mesmo incentivou desde sua origem; Lembro-me com alegria.

Você não vem nos ver? Como gostaria que você estivesse aqui para a nossa festa da Sagrada Família que celebraremos no dia 27 deste mês! Seria realmente uma festa dupla para mim.

Termino minha carta mais cedo do que gostaria e são algumas obrigações urgentes que me obrigam a fazê-lo.

Receba, meu estimado e venerado Padre, o reconhecimento do meu profundo respeito e a certeza da especial veneração com que tenho a honra de ser o vosso humilde e atencioso servidor.

Outubro de 1852

18-10-1852- Ao Pe. Mermillod, Pároco de Belleydoux (Ain).

Caro Sr. Pároco:

Considerando o que você disse ao Ir. Amadeo quando ele passou por Belleydoux, e de acordo com o que eu pensei ter entendido em suas cartas sobre o caráter de Ir. João, vendo por outro lado o desacordo que existe entre o Ir. ... Damián e Ir. João e considerando também o desejo sincero que tenho de agradar-lhe, meu caro Sr. Pároco, realmente pensei ter interpretado seu pensamento retirando Ir. João e substituindo-o por outro Irmão. Mas como a presença de Ir. João é absolutamente necessária em Belleydoux, segundo me escreve Ir. Hipólito, você pode imediatamente encaminhá-lo para este outro Irmão e Ir. João chegará no próximo sábado, conforme a ordem que lhe dei nesta manhã.

Esta mudança imprevista que sofro particularmente incomoda-me, pois obriga-me a desalojar quatro ou cinco estabelecimentos, o que não é agradável nem para um nem para o outro. Isso me trará momentos desagradáveis, mas não importa. Quero agradá-lo e não permitir o triunfo dos nossos miseráveis vermelhos de Belleydoux, que no fundo não passam de cegos e ingratos ao melhor dos párocos, de quem não são dignos.

Uma coisa que me agrada e certamente agradecerá a você é que o Ir. Jean me disse que voltará de bom grado a Belleydoux. Eu quero que ele viva o espírito de seu estado, observe a Regra, ande de acordo com sua opinião e seus conselhos, faça o bem e não mantenha nenhum contato com os vermelhos: é isso que eu vou recomendar a ele.

Venho do norte da França (de Champagne) onde fui abrir um estabelecimento, e partirei novamente em meados desta semana para a fronteira com a Suíça, nas dioceses de Besançon e Saint-Claude; se eu puder seguir este caminho, terei a honra e a alegria de vê-lo, que tanto anseio.

Aceite novamente a expressão dos sentimentos atentos e respeitosos com que tenho a honra de ser, Sr. Pároco, seu humilde e atencioso servidor.

Novembro de 1852

04-11-1852- Para a Senhorita Catarina Lassagne, Ars (Ain).

Senhorita e muito querida Irmã em Nosso Senhor:

Recebi seu testamento holográfico, acho que servirá; mas uma doação viva seria preferível. Tenha certeza de que seus desejos serão fielmente respeitados, eu me comprometo em consciência diante de Deus e diante dos homens.

Todos os documentos estão agora guardados nos arquivos da nossa Comunidade e lá serão cuidadosamente conservados para que os possamos utilizar no momento oportuno, para cumprir a sua vontade, tão edificante e conducente a contribuir para o bem dos jovens da paróquia de Ars, em favor daqueles que querem dispor dos seus bens, para ajudar o seu venerado e santo pároco, aumentando o interesse da escola gratuita que fundou em Ars para estes jovens.

Quanto aos papéis assinados de que falas, seria bom, e aconselharam-me, mantê-los, porque oferecem mais garantias do que o testamento feito a meu favor; quanto ao resto, não te comprometem com nada, pois não podem pedir, depois da tua morte, mais bens do que prometeste. Fique tranquila quanto a isso; quando for a Ars, explicar-te-ei melhor do que por carta.

Continue, Senhorita e querida Irmã, oferecendo seu cuidado filial ao seu santo Pastor, a quem consideramos nosso Amigo e Pai comum. Dê-lhe minha homenagem de profundo respeito

e meus sinceros parabéns por sua nomeação como Cônego de Belley, que ele merece. Com esta nomeação, Mons. Chalandon corrigiu um erro que D. Devie cometeu antes de morrer e, assim, deixa todos felizes.

Tenha em mente, querida Irmã Catherine, em suas orações sagradas, e acredite em meus sentimentos de estima e respeito com os quais estou sempre à sua disposição em Jesus, Maria e José.

O Superior Geral.

25

Novembro de 1852

12-11-1852- Ao Pe. Mermilod, Pároco de Belleydoux (Ain).

Caro Sr. Pároco:

De acordo com seu pedido, o Irmão Jean retornou a Belleydoux; As coisas vão melhor do que com o outro Irmão que lhe enviei? Não sei.

Não acho que o irmão João seja ruim, mas às vezes seu orgulho dói, e ele tem um caráter e modos que não são muito agradáveis e incômodos. Até agora não consegui consertar nada; ele adotou a atitude do camaleão, e temo que isso o faça sofrer: isso me incomodaria muito; Peço-lhe que não comente sobre isso, pois me sinto obrigado a informá-lo. Também temo muito que você não entenda seu Irmão, sobre o qual você acabou de me escrever quatro longas páginas para me contar sobre suas antigas falhas, especialmente sua desobediência e orgulho durante o ano passado.

O irmão Damian, por sua vez, me envia uma litania de reclamações sobre o irmão Jean. Mas o Conselho de nossa Casa Mãe avaliou as coisas de ambos os lados e reconheceu que o irmão Damien é mais culpado, pois mostra insubordinação e constante falta de respeito por seu Irmão Diretor. Com tal comportamento, parece-me que este Irmão não terá paz de espírito, pois estaria longe de ter o espírito do seu estado. Digo-lhe tudo isso confidencialmente, Sr. Pároco, que, pedindo-lhe ao mesmo tempo que use todos os meios que sua sabedoria e prudência sugerem para inspirar nos dois Irmãos sentimentos mais dignos de seu status. O irmão Damião imediatamente me pede sua troca; Eu acho que é necessário alcançar a paz em breve e eu o substituiria de bom grado se você não vê nenhum problema.

É desagradável que o novo Conselho Municipal de Belleydoux, e especialmente o prefeito, não estejam de bom humor e se oponham a você; Espero que essas coisas não durem e que Deus as conserte de outra forma, por isso te peço. Que Ele possa alimentar esses homens com sentimentos melhores.

Este ano abri um importante estabelecimento a uma hora de Chalons-sur-Saône; Está ali um homem, várias vezes milionário: é o dono de todas as casas, das propriedades e das florestas do município. Fundou uma colônia agrícola; três Irmãos nossos foram chamados para dirigi-la e vigiar os colonos. Este Senhor me pediu para procurar um homem ou uma mulher de boa conduta e amante da limpeza para fazer queijo azul em casa como o que se faz em nosso país. O queijeiro ou queijeira pode começar a trabalhar imediatamente; este cavalheiro pagaria um salário de duzentos e cinquenta francos por ano, nem mais nem menos, com alimentação e alojamento incluídos. Se você conhece em Belleydoux, ou nas proximidades, alguém que possa ser adequado e que queira aceitar esta posição, peço-lhe que me informe imediatamente, para que eu o possa dar a conhecer a este senhor.

Eu pensei que poderia vê-lo quando viajei da Suíça há algumas semanas, mas devido à falta de um veículo particular, tive que pegar a diligência. Eu gostaria de vê-lo novamente, assim como meu povo, antes de morrer, mas não sei se Deus reserva essa satisfação para mim.

Aceite, meu caro Sr. Pároco, a expressão de respeitosos sentimentos com que tenho a honra de ser seu humilde e atencioso servidor.

PS - Por favor, apresente minhas saudações às suas dignas irmãs.

Novembro de 1852

19-11-1852- Ao Sr. Fortoul, Ministro da Instrução Pública.

Sr. Ministro:

Já tive a honra de lhe solicitar o reconhecimento legal da Associação dos Irmãos da Sagrada Família, cuja finalidade principal é a educação primária; Venho novamente, Sr. Ministro, respeitosamente insistir no meu pedido. Rogo-vos com insistência que o leveis em consideração, tendo em conta os serviços que os nossos Irmãos são chamados a prestar aos jovens.

O Conselho Geral do Departamento de Ain, em sua última sessão, considerando todo o bem que nossos Irmãos fazem e a estima geral de que gozam, votou para que nossa Associação seja aprovada pelo Governo como Instituição de utilidade pública.

Os meus pedidos anteriores, Senhor Ministro, foram depositados no gabinete do seu Ministério, juntamente com os nossos Estatutos e as recomendações feitas por seis Bispos, que acharam conveniente juntar os seus pedidos aos meus, pois reconhecem melhor do que ninguém o sacrifício dos nossos Irmãos e como o seu ensino pode contribuir para a regeneração da juventude, proporcionando-lhes uma educação baseada nas doutrinas da nossa santa Religião.

O Governo providencial com o qual a França hoje tem a sorte de se beneficiar, e por cuja prosperidade rezamos todos os dias, ganhará os ardentes votos dos Irmãos da Sagrada Família, ousado esperar, se nos reconhecer legalmente por Decreto Imperial. Se não nos for concedido este favor, será doloroso para os Irmãos e para muitas famílias e Municípios que valorizam os seus serviços. Por favor, lance seu olhar protetor sobre eles, Sr. Ministro: eles serão eternamente gratos. Eles também abençoarão com amor o nome do reverenciado Príncipe sobre quem, para sua satisfação, a mão divina logo colocará a coroa imperial que ele merece.

Sou, com profundo respeito, Sr. Ministro, seu humilde e atencioso servidor.

Novembro de 1852

25-11-1852- Ao Pe. Buyat, Vigário Geral de Belley, Paris.

Sr. Vigário Geral:

Estou extremamente grato a você por ter me dado suas notícias e pelos detalhes sobre a missão que teve a gentileza de cumprir em favor de nossa Sociedade e de mim em particular.

Estou muito feliz que Dom Mathieu o tenha feito entender que o pedido que ele fez para nós, assim como para outros Bispos, foi suficiente, pois todos esses pedidos fazem parte do nosso dossiê. Reunir novas cartas testemunhais dele em nosso favor agora não seria possível, especialmente em tão pouco tempo; com o primeiro pode ser suficiente. Quanto ao apoio dos prefeitos e reitores, não vejo que eles tomem a iniciativa de nos proteger, especialmente neste caso. Acredito mais que eles nos apoiam depois que o Governo os consulta. Já contamos com o apoio do Conselho Geral, do qual o Prefeito é membro. Aqui está um ponto poderoso, perante o Governo, e sobre o qual nos podemos apoiar fortemente.

Quanto à acusação, pode usar como justificação todas as razões que a justiça, a caridade e, sobretudo, a sua grande prudência lhe sugerirem, defendendo sempre a minha reputação e a do bispo Devie. Se esses dois documentos tivessem desaparecido do meu arquivo, seria uma grande injustiça; seria necessário reclamar e apresentar a cópia que dei na sua partida. A inocência, mais cedo ou mais tarde, é reconhecida; Deus tem suas razões para permitir provas, e sabe como salvar a reputação quando é preciso fazer o bem que ele nos pede.

No domingo, quando fui votar em nosso novo imperador, o senhor Jordán, presidente da Corte, se aproximou de mim e, ao apertar minha mão, perguntou-me como estavam os procedimentos para nossa autorização. Eu disse a ele, sem mencionar sua viagem a Paris, que estava com ele. Ele respondeu que não faltaria, que agora era o momento mais propício, que tínhamos que empurrar a questão com todas as nossas forças e que, em geral, essa aprovação seria bem-vinda no país. Agora, reverendo Pai, todos os nossos interesses estão em suas mãos e nas de Deus; faça tudo o que puder, sem permitir mudanças no que está estabelecido em nossa Sociedade até hoje; caso contrário, se voltará contra ela: estou convencido. Rezamos com grande fervor: espero que nossa fé seja ouvida.

Parece que o bispo está indo bem, segundo me disse há pouco o Sr. Cônego Magnin, que um postulante já formado veio me apresentar e que pagaria um pequeno aluguel de 1.300 francos por sua estadia.

Fique, rev. Pai, enquanto você julgar necessário; não olhe para as despesas; ficaríamos muito felizes se fosse bem sucedido; e isso contribuiria para imortalizar sua memória em uma Sociedade em que você soube conquistar todos os corações.

No ano passado, os três Irmãos Dépernex (Carlos, Ricardo, Francisco) e João Bautista Bouvet, originários de Saboia, enviaram seus documentos a Paris para obter permissão gratuita para estabelecer seu domicílio na França e o gozo de direitos cívicos. Você nos faria um grande favor, Rev. Pai, se você pudesse cuidar deste assunto, mas em segundo lugar. O prefeito de Ain nos escreveu dizendo que havia enviado esses documentos ao Ministério do Interior; será que eles chegaram?

Quero saber o resultado da sua entrevista com o Ministro; Por favor, diga-me algo quando puder.

Aceite as mais humildes e respeitadas saudações com que tenho a honra de ser, Sr. Vigário Geral, seu humilde e atencioso servidor.

28

Dezembro de 1852

05-12-1852- A Sua Majestade Napoleão III, Imperador dos Franceses, Paris.

Excelência:

Sua gloriosa ascensão ao Império Francês traz alegria à Igreja e aos povos. Desde o retorno providencial de Sua Majestade à França, os Irmãos da Sagrada Família podem afirmar que, por seus votos ardentes e diligentes, contribuíram para chamar Sua Majestade para ocupar o trono imperial de que é digno. Feliz por ver hoje que seus desejos e os de oito milhões de franceses foram realizados, permita-me, Excelência, que no impulso de sua alegria, os Irmãos da Sagrada Família venham humildemente, diante de vós, oferecer suas felicitações religiosas a V. Majestade e coloquem a seus pés suas mais humildes e respeitadas homenagens.

Não há ninguém, Excelência, que não deva reconhecer agora que Deus, em sua infinita bondade, se agradou de dar a Sua Majestade os mais ricos tesouros para enriquecer a França, nosso amado país. Gloriosa por possuir um monarca tão bom e digno, ela saberá preservá-lo porque encontrou nele um Salvador e um Pai. Repletos desses sentimentos, os Irmãos da Sagrada Família, Excelência, pedirão constantemente ao Senhor que o reinado de Sua Majestade seja longo e feliz.

Vossa Majestade, a piedosa Associação dos Irmãos da Sagrada Família existe há trinta anos; seus membros estão destinados a prestar grandes serviços; já instruem milhares de crianças nas escolas primárias, para grande satisfação dos Municípios que valorizam os seus serviços. Vossa Majestade os fará felizes, se dignar-se conceder existência legal à nossa Associação, reconhecendo-a, por Decreto Imperial, como estabelecimento de utilidade pública. Seis Bispos e o Conselho Geral do Departamento de Ain juntaram-se a mim para solicitar este favor. Por favor,

Sua Majestade, em sua bondade incomparável, marque sua ascensão ao trono com a aprovação que ansiamos. Nossa gratidão para com nosso digno e amado Soberano será eterna.

Sou, Excelência, o mais humilde, obediente e fiel servidor de Vossa Majestade.

29

Dezembro de 1852

20-12-1852 - Ao Pe. Vianney, Pároco de Ars (Ain).

Caro Sr. Pároco:

É meu dever preveni-lo que a fundação que o Sr. fez em nossa capela da Sagrada Família, para que todos os domingos do ano seja rezada uma missa e orações especiais pela conversão dos pecadores, não está sendo feita, porque não somos informados sobre isso nem isso nos dá algum retorno. Sendo assim, seria melhor deixar tudo nas mãos da administração diocesana e fazer outra base para este bom trabalho que recomendo, Sr. Pároco, ao seu grande zelo e caridade.

Falei desta fundação ao Padre N.S. o Sumo Pontífice; se alegrou no Senhor e a abençoou. Direi também que em diversas circulares que imprimi, anunciei ao mundo inteiro que o santo pároco de Ars não se contentou em encurtar sua vida trabalhando diariamente pela conversão dos pecadores, mas havia feito uma fundação de missas em favor disso em nossa capela. Seria uma vergonha, meu querido Pai, se a coisa não fosse uma realidade, também seria quase um escândalo. Rogo-vos, portanto, em nome de Deus, em nome dos pecadores e em nome do interesse paternal e benevolente que não cesseis de demonstrar pela nossa Comunidade, à qual prestais tantos favores, que façais outra fundação para este propósito. Faça-o o mais rápido possível e envie-nos o dinheiro correspondente. Diante de Deus assumo o compromisso de assegurar que este capital será colocado em nossa Comunidade melhor do que em qualquer outro lugar. Esta será uma pequena ajuda para a nossa Comunidade; mas seria necessário que o capital chegasse a três mil francos; Isso nos agradaria muito e aumentaria nossa gratidão por vós, Sr. Pároco, que se tornou nosso pai e benfeitor sem que tivéssemos merecido esse favor. Espero que a Providência venha em seu auxílio para esta fundação que desejo ardentemente. A quantia seria de grande ajuda para construirmos uma capela na bela propriedade que você comprou de nós e sobre a qual hipotecarei os 18.500 francos que já recebi para a fundação da escola para meninos de Ars.

Tanto os seus jovens paroquianos, como os outros jovens que teve a gentileza de nos enviar, encham-me de consolo; todos estão indo muito bem, espero que sejam santos religiosos; é você, meu querido pai, que lhes trouxe essa felicidade com seus bons conselhos.

Por favor, rev. Pai, dá-me alguma participação nas suas santas orações e conceda-me, assim como à nossa amada Comunidade, a sua bênção paternal e a sua ajuda contínua que é tão grande para nós.

Com profundo respeito e profunda gratidão sou seu, meu venerável Pai e Pastor, seu humilde e obediente servo e filho.

30

Dezembro de 1852

30-12-1852- Ao Bispo Depéry, Bispo de Gap (Altos-Alpes).

Monsenhor:

Alegra-me muitas vezes pensar em Sua Excelência e recordar a sua bondade para comigo

e para com a minha pequena Comunidade, não é menos agradável vir com ela para colocar aos pés de Sua Excelência os nossos votos e os votos de um Feliz Ano Novo. Aceite-os com bondade, Monsenhor, porque eles se dirigem a Deus para pedir que o jugo de seu episcopado seja leve e suave, e que seus dias, cheios de méritos, sejam longos e felizes. Queira Deus que assim seja, Monsenhor, para a felicidade da sua Diocese e para a minha em particular.

Penso que, em seus Alpes, como aqui, o senhor usufrui mais do que um clima da primavera; temos flores no nosso jardim e há morangos de bom tamanho. Um Capuchinho que jantou em casa ontem nos garantiu que os tinha visto em Mont-du-Chat, por volta do meio-dia. Gostaria de poder aproveitar este bom tempo para ir pessoalmente apresentar a Vossa Excelência os meus votos e os votos de um feliz ano novo, e ao mesmo tempo visitar os nossos Irmãos de Veynes, mas os assuntos da nossa Comunidade mantêm-me acorrentado aqui.

Falando dos Irmãos de Veynes, eles parecem estar afundando, pois acabaram de escrever para dizer que não receberam seu salário integral no ano passado e contraíram dívidas por sua comida e sustento. Não gostaria que fossem à falência, seria a primeira vez que isso aconteceria entre nossos Irmãos.

Eu vi com prazer o Império chegar. Será sob o reinado de Napoleão III que nossa Sociedade será reconhecida? Esta é a minha esperança, mas quando será? Coloco tudo isso nas mãos de Deus e sempre serei grato a Vossa Excelência por ter gentilmente apoiado meu pedido neste assunto.

Eu não saio da minha cela; e, portanto, não sei o que está acontecendo em Belley e não posso dar notícias a Sua Excelência. Às vezes vou ao Bispado e percebo que o padre Guillermin está completamente relegado a um canto, já que não está mais encarregado de nenhuma administração. Também eu gostaria de ser relegado aos vossos Alpes, perto de Nossa Senhora de Laus; e assim, longe de qualquer responsabilidade, poder preparar-me mais facilmente para comparecer perante o Soberano Juiz. Sua boa e digna irmã está mais ou menos bem, sua piedade não diminui.

Por favor, Monsenhor, dê-me sua bênção, assim como para minha Comunidade, e aceite, com meus votos de Feliz Ano Novo, a homenagem de meu profundo respeito, com o qual sou, Excelência, o humilde e obediente servo.